

# LIMITES DIALETAIS

Miguel Wouk

Universidade do Paraná

Vários lingüistas negaram existissem dialetos. Paul Meyer, secundado por Gaston Paris, defendeu o seguinte princípio: o resultado da evolução da linguagem aparece apenas sob o aspecto da língua comum de uma região e dos falares em que ela se fraciona. Não existem dialetos naturais, pois é impossível defini-los na totalidade de seus caracteres, a não ser que se faça restrição ao estudo da fala de uma só localidade. Ao contrário, se se levar em conta somente um dos caracteres, corre-se o risco de usar processo artificial e com resultados superficiais e não convincentes.

Não existindo dialetos como entidades lingüísticas autônomas e bem caracterizadas, impossível será determinar-lhes a área de domínio e os limites geográficos entre êles.

À mesma concepção chega Johann Schmidt, com a sua "teoria das ondas": os fatos lingüísticos difundem-se à maneira de ondas, em movimento insensível e ininterrupto, não comportando limites, portanto. Esta afirmação baseia-se na falta de coincidência entre as isoglossas, tanto nos dialetos das línguas indo-européias, como nos das línguas românicas.

Antoine Meillet, porém, defendeu os dialetos indo-europeus e provou que era possível e legítimo demarcar os seus limites, uma vez que se notassem algumas particularidades comuns em determinada área. Mesmo que êsses limites sejam flutuantes, bastará poder definir nessa área certos traços gerais inexistentes em outra área.

Graziadio I. Ascoli, estudando os dialetos ladininhos, foi mais longe: admitiu a existência de limites bem determinados, ainda que com zonas intermediárias, de um dialeto a outro,

com base em muitos caracteres comuns — modificações nos sons, morfologia e sintaxe de um complexo dialetal, próprias de um certo território.

Paul Meyer considerou impossível demarcar os limites dialetais, ainda porque os fenômenos fonéticos, morfológicos, sintáticos e léxicos difundem-se isoladamente e interpene-tram-se desordenadamente. Por isso, a seu ver, o conceito abstrato de dialeto devia ser substituído pelo conceito concreto: *fatos lingüísticos isolados*; os limites fonéticos não pas-sam de coincidências de pontos fortuitos.

Na realidade, se se adotasse êsse ponto de vista, isto é, o puramente lingüístico, não sómente não existiriam dialetos, como tampouco línguas românicas, mas apenas fatos lin-güísticos isolados.

Contudo, as pesquisas dialetológicas, levadas a efeito de oitenta anos para cá, sobretudo após o advento da Geografia Lingüística, demonstraram a indubitável e sempre mais clara a existência tanto dos dialetos como dos limites dialetais.

Estes não formam linhas precisas, mas feixes de caracte-res lingüísticos, uns ao lado dos outros, interpenetrando-se mútuamente, de modo que não coincidem quase. Forma-se, assim, uma zona lingüística de limite.

É evidente que dois pontos separados por uma zona lin-güística apresentam um conjunto de caracteres divergentes e notáveis diferenças. No entanto, essas diferenças não estão presentes na consciência dos falantes. Estes não podem sentir com exatidão onde termina o dialeto local e onde começa o outro. Mas, percebem as diferenças dos respectivos tipos dialetais, tomando como base a compreensão mútua. Se esta existir, tratar-se-á do mesmo dialeto; se não, o limite diale-tal foi transposto. Para julgarem as divergências dos tipos dialetais, os falantes apegam-se mais à diversidade do acento, da entonação musical, da pronúncia e do vocabulário.

Não há dúvida, se é difícil delinear o limite, por exem-plo, entre o francês e o provençal, pois, sendo línguas de mesma origem e a passagem de uma a outra é insensível,

não existe oposição contrastante entre elas, mais difícil será estabelecer as linhas de demarcação dentro do mesmo domínio lingüístico. As isoglossas não coincidem, são independentes umas das outras, e as particularidades lingüísticas nunca se apresentam em áreas de mesma extensão.

Por que não é possível determinar os limites exatos entre os dialetos? Porque as primitivas divisões territoriais, políticas, administrativas ou eclesiásticas (dioceses, feudos, províncias, etc.), apresentando, a princípio, caracteres mais ou menos uniformes na linguagem, com o tempo, devido às vicissitudes políticas ou sociais, tiveram alterada a sua posição e extensão, entraram em variadas combinações e, em geral, estabeleceram relações entre si e com outras regiões mais distantes.

Divisões políticas e administrativas, acidentes geográficos naturais (montanhas, desertos, rios, etc.) não constituíram sempre obstáculos intransponíveis às comunicações e aos movimentos sociais das migrações. Por isso, os entrelaçamentos dos traços lingüísticos, por vezes, tornaram-se extremamente complexos e difíceis de deslindar.

Os Alpes Ocidentais, entre a França e a Itália, por exemplo, não impediram o intercâmbio lingüístico. É digna de nota, tanto no litoral, de Nice a Ventimiglia, como terra a dentro, entre a área do franco-provençal e o Piemonte, correspondência das características lingüísticas. Qual a razão de tão surpreendente limite dialetal? A história dessa zona de transição explicará o fato:

1.º) Augusto reuniu os povos romanizados das duas vertentes em uma só província administrativa, para melhor controlar os passos alpinos;

2.º) mais tarde, os lombardos cederam Susa e Aosta à França;

3.º) mesmo na organização eclesiástica, ambos os lados pertenceram à então diocese de Vienne, à Província Vienensis;

4.º) os dois flancos dos Alpes Ocidentais pertenceram durante séculos à Casa de Sabóia, originária de Chambéry. A língua oficial era o francês, mesmo no Piemonte, onde só no século XIX o italiano ganhou terreno e se impôs como língua oficial.

Por isso, a vertente italiana, tendo gravitado para o ocidente, desde muito tempo, lingüisticamente pertence ao território provençal e franco-provençal, e os Alpes não formaram limite dialetal.

Outro exemplo típico, de mesma significação, encontramos na Roménia. Os Cárpatos também não formaram limite dialetal. Até o fim da 1.ª guerra mundial, os romenos da Transilvânia pertenceram à Hungria, e os Cárpatos eram a fronteira política com a Roménia. Contudo, não se formou dialeto romeno independente na Transilvânia, porque essa montanha não impediu o contato contínuo de uma região com outra. Além disso, do lado húngaro as cidades não eram centros políticos, culturais e religiosos, que pudessem reagrupar os romenos, e tão somente mercados para o comércio.

O mesmo se dá na região dos Pirineus, onde o gascão se encontra estreitamente ligado aos idiomas da Espanha setentrional (ragonês e catalão) e o catalão ao provençal. O gascão forma um elo entre o francês e o espanhol, e o catalão, entre o provençal e o espanhol.

Nos Apenírios, porém, corre uma linha (Spezzia-Rimini) que separa os dialetos setentrionais dos outros da península. Em nenhuma outra região da Itália é tão notável o limite dialetal, porque o obstáculo natural foi reforçado por outros fatores: étnicos, históricos e culturais, distintos em um lado e outro.

Assim, vemos que uma cadeia de montanhas ou outra barreira qualquer somente formam limite dialetal quando impedem as comunicações e o intercâmbio étnico, histórico, cultural.

Na realidade, portanto, são os fatores históricos e culturais que criam e determinam êsses limites, haja ou não obstáculos geográficos.

Notamos, por essa razão, entre os grandes grupos lingüísticos em que, mais por interesses didáticos que propriamente científicos, costuma-se dividir a România atual — galoromance, ibero-romance, ítalo-romance, reto-romance e balcânico-romance — amplas áreas de transição.

Além do exemplo referido linhas acima, com respeito aos falares pirenaicos, poderíamos apontar mais alguns.

O dalmático-velhoto, falado na península da Istrá, recoberto por estrato reto-romance (o friulano), depois, por um estrato veneziano, e finalmente por outro, eslavo, forma um elo entre o romance oriental e o ocidental. Primitivamente apresentava características do romance oriental; atualmente pende mais para o ocidental.

O complexo dialetal do norte da Itália, e de modo particular os dialetos galo-ítálicos (entre os quais o lombardo) constituem também área de transição entre o tipo italiano (toscano) e o galo-romance. Por outro lado, nota-se transição para a área do reto-romance, a ponto de se haver divido por longo tempo da individualidade lingüística deste último, isto é, até as provas em contrário apresentadas por Ascoli em "Saggi Ladini".

O grupo franco-provençal, por sua vez, estabelece um liame entre o reto-romance e o tipo do francês do norte e entre este e o provençal. Do provençal, insensivelmente, através do catalão, faz-se a transição para o espanhol e as outras línguas ibero-romances.

De modo que, apesar da posição peculiar do francês no conjunto das línguas românicas, podemos ressaltar a continuidade do território lingüístico da România Ocidental e a passagem gradual de um grupo a outro, o que tem causado dificuldades aos lingüistas na configuração exata dos vários grupos, como, de modo especial, ocorreu com o catalão. Enquanto Menéndez Pidal e Amado Alonso não provaram a

sua originária ligação com o grupo ibero-romance, o catalão foi considerado um simples dialeto do provençal, transplantado para a Catalunha no século VIII.<sup>o</sup>, por ocasião da retirada dos árabes.

Concluindo: Se os limites lingüísticos não se acham cingidos às fronteiras políticas e às naturais divisões geográficas, é porque êles foram determinados histórica e culturalmente, no mais amplo sentido. Entre os fatos lingüísticos isolados, a que alude Paul Meyer, há um liame causal de caráter histórico, o qual determina as relações entre os falantes, ora favorável, ora desfavoravelmente. Por isso, os limites dialetais são vivos e mutáveis: resultado de fatores sociológicos, cuja ação não cessa nunca. “Ce qui décide des concordances linguistiques ce sont des faits de civilisation”, adverte Antoine Meillet.

Não exclusivamente as divisões eclesiásticas antigas, como querem Morf e Mérlo; nem só as invasões germânicas, na opinião de W. von Wartburg, ou outros movimentos demográficos isolados através dos séculos, mas todos sucessivamente ou ao mesmo tempo contribuíram a criar a moderna policromia dialetal romântica. Terminemos com as palavras de Bruneau, citado por Serafim da Silva Neto:

“Les patois actuels sont l'aboutissement de quinze siècles d'histoire... Irrégulières et confuses dès l'origine, ces frontières sont devenues plus irrégulières et plus confuses encore au cours de quinze siècles de vie commune et d'influences réciproques”.